

'Brasileiro gosta de ver brasileiro'

Keila Jimenez

De volta à TV pelo Canal Brasil, Daniel Filho defende a cota de produções nacionais para os estrangeiros

Em uma parede de sua produtora, a Lereby - como a Let it Be dos Beatles - pôsteres de blockbusters da Globo Filmes, que ele dirige. Em outra, espelhos se intercalam com dezenas de fotos de musas do cinema nacional e da TV. 'O Daniel Filho conquistou metade dessas mulheres', comenta a reportagem, ao fitar a composição. 'Mais da metade', alguém corrige. Daniel surge dando ordens, abrindo pacotes. Comprou um livro e dois DVDs durante o almoço. Quer logo começar a entrevista. Odeia posar para fotos, avisa.

Abre a conversa sem esperar por pergunta alguma, empolgado com sua volta, à TV (ainda fechada; para a aberta, ele prevê retornar em breve, mas 'não para a Globo', antecipa). Com Mudando de Conversa, (sábado, às 20h), programa de entrevistas que estreou recentemente no Canal Brasil, quebra um jejum de oito anos da TV. Atração que ele criou, produziu e em que dá toques de direção ao lado da amiga Maria Lúcia Rangel.

Em foco, personalidades de ponta, sempre em dupla, conversam sobre os mais variados assuntos. 'É um papo sincero entre pensadores modernos', define Daniel, já justificando que não há um comandante na atração. Mas apresentador para que? Para mediar encontros como o de Zuenir Ventura e Luis Fernando Verissimo, José Wilker e Sonia Braga, Ana Botafogo e Isaac Karabtchevsky, Bibi Ferreira e Antunes Filho?

Fama de mau, de conquistador, de trator... Tudo isso desaparece no terceiro minuto de conversa. Como bom diretor, Daniel Filho é divertido e gentil ao tentar conduzir um papo que muito lhe interessa.

O diretor reclama da falta de grana para a produção independente e da vontade de sair da 'geladeira' da TV Globo. 'Deixaram de publicar uma entrevista grande minha em uma revista importante porque eu não disse nada bombástico. Não dei o lide que o repórter queria', diz ele. E precisa?

Como surgiu a idéia do Mudando de Conversa?

A culpa é minha. Fui fazer um piloto nos extras do DVD do Primo Basílio e pensei em fazer algo diferente. Como eu e Glorinha (Pires) tínhamos trabalhado muito tempo juntos, me ocorreu que havia várias histórias que a gente nunca resolveu direito. Aí pensei em um papo entre nós em que cada um levasse oito perguntas. Sem um saber o que o outro iria perguntar, claro. Ficou legal e pensei: 'Isso daqui dá um programa'. Fiz também o mesmo com o Wilker e a Sonia Braga para testar. Saiu uma coisa mais engraçada ainda. Pronto, temos um programa.

E você dirige sozinho o programa?

Não, a idéia é minha, sou responsável pela narrativa visual, faço as 'cabeças' das entrevistas, mas chamei a Maria Lúcia Rangel para dirigir. Precisava de alguém com experiência jornalística para saber como tirar de um papo quase furado, que não tem ninguém ativando, algo bacana. O que torna o programa legal é que ninguém está tentando arrancar nada bombástico. O camarada não é obrigado a dizer nada que vá mudar o mundo, nem que será citado em sua lápide (risos). São pessoas com muito conteúdo, o que elas têm a dizer sempre interessa.

Como vocês chegam a essas combinações de personalidades que formam as duplas?

Há sugestões de toda a equipe, amigos da Maria Lúcia, meus... Muitos deles são amigos de verdade, outros nunca se encontraram para conversar. É um formato interessante. Bom, Max Nunes dizia que você só é original por sete dias. Passa uma semana alguém copia, vira um melê... Daqui a uns dias aparece um Sérgio Malandro entrevistando um ex-BBB e as pessoas vão falar: 'Olha aí, o formato do Daniel Filho (risos) '.

E o que muda, diante das câmeras, na conversa entre pessoas que são amigas na vida real? No caso seu e da Glória, por exemplo....

Comigo e a Glória foi diferente. Glória me perguntou coisas que não me ocorriam. Toda hora a gente brinca com o assunto de eu ter reprovado ela quando tinha apenas 6 anos de idade, em um dos primeiros testes dela na TV. Só que eu nunca tinha perguntado para a Glória o que ela realmente tinha sentido naquela ocasião. Sabia que ela não tinha passado em um teste, que eu tinha optado pela Rosana Garcia para a novela Meu Primeiro Amor . E me dei conta pela primeira vez de coisas que eu não imaginava, como a importância que esse 'não' tinha tido para ela, e de como isso mudou muita coisa na carreira dela, de como ela se preparou para o outro teste comigo em Dancin' Days. Já tínhamos conversado, mas não tínhamos ido tão longe. Confesso que fiquei sem graça.

Mas você nunca sabe o que vai rolar nas conversas?

Nunca. Um exemplo: o Luis Fernando Verissimo perguntou como tinha sido a base literária do Zuenir Ventura na infância. E ele começou a citar nomes de milhares de autores... Epa, pára aí.. Assim fica difícil. Ia ficar um papo de entendidos... Mas como era muito interessante o que estavam falando, coloquei uma dança das capas dos livros que ele foi citando. Quase uma legenda do que eles conversavam (risos).

E foi encomenda do Canal Brasil?

Não, nós que fomos bater na porta deles. Mas o Canal Brasil sofre de um problema: ele pertence a um pacote mais restrito da Net. Para você ter a Net é uma coisa, para se ter o Canal Brasil, se paga mais ainda. Para bancar um programa em um canal segmentado do segmentado é mais do que complicado. Até consegui um patrocinador, mas se eu tivesse mais um, o programa poderia ter mais fôlego. É um projeto que eu adoro e gosto também do canal.

Você já viu algum filme seu lá?

A gente brinca que o Canal Brasil é 'o meu passado me condena', porque passa uns filmes muito velhos, coisas horrorosas (risos) . Mas todos nós temos filmes horrorosos e temos filmes bons. Também passam os meus filmes bons lá. Passam todos. A sua vida é o que você fez, vale a média. Se você só fez filmes ruins, desculpe (risos) .

O programa tem um número de episódio fechados?

Surgiu com 16 episódios e não deve passar disso, porque tenho um problema grave: as minhas frustrações com a produção independente do Brasil.

Quais são?

A primeira vez eu quebrei a cara, e não quebrei violentamente por pura sorte. Quando saí da Globo pela primeira vez, em 1990, acreditava em tudo o que diziam sobre mim: 'Daniel Filho, precursor na TV, o das novelas, o cara da Globo'. Eu, babaca, acreditava nisso (risos) . Tive uma idéia (a adaptação do Confissões de Adolescente) e filmei o piloto. Levei a fita e exibi primeiro para a Globo. Resposta na época: o Buzzoni (Roberto, diretor de Programação) disse que só tinha assistido a três minutos do piloto, achou uma 'merda' (risos) . Tentei mostrar para outras

emissoras e ninguém assistiu. Então fiz uma exibição em um cineminha e as pessoas curtiram. Eu não conseguia entender.

E como foi parar na TV Cultura?

O Armando Nogueira me arranhou um encontro com o Roberto Muylaert, diretor da TV Cultura na época, e de onde eu menos esperava veio a proposta. Aí quis fazer algo além dos meus pés. A TV Cultura não podia ter patrocinador, tinha de ser um apoio. Aí veio o apoio, mas ficou apertado demais. Então resolvi bancar, fazer toda a produção em filme. Resultado: perdi um dinheirão. Dois terços do que eu tinha recebido dos meus 25 anos de Globo foram embora naquela hora. Eu estava vendo a coisa toda dançando quando a TF1 (canal francês) me procurou querendo comprar o programa. E comprou um segundo ano para fazer. Até hoje não sei se o Confissões de Adolescente rendeu ou me pagou o prejuízo.

E você resolveu insistir novamente em produção independente agora?

É, mas resolvi dar um passo menor. Dessa vez conversei com as TVs fechadas e vi que só tinha dinheiro para fazer um programa de entrevista. Mais barato que isso, só eu falando sozinho para uma câmera (risos) .

Mas falta dinheiro para produção independente na TV brasileira?

Falta. Antes de colocar o programa no ar, consegui uma liberação de ICMS para a produção. Posso receber um dinheiro de pessoas que pagam ICMS e que queiram investir no programa. Mas ninguém declara que paga isso (risos) . Fui então bater na porta dos canais. O Multishow não tinha o perfil, e a verba era pouca. Prefiro não aceitar quando é assim. Eu mesmo banco. Tanto é que estou retirando meus filmes, Cazuza, A Partilha, de circulação, os contratos (com as emissoras de TV) estão vencendo e não estou renovando. Não compensa. Vou ver no que dá. As coisas estão mudando tanto, quem sabe eu vendo melhor para a turma do telefone que vem por aí ? (risos)

Você ofereceu a outros canais?

O GNT não quis. A Leticia (Muhana, diretor do GNT) disse que queria diminuir esse negócio de talk-show . Mas acabou colocando mais, não entendi. Acho que ela não viu direito o programa. A maioria dos diretores de TV padece de uma doença que chamo de José Silva.

O que é isso?

Casas José Silva, você já compra o terno pronto (risos) . O cara não consegue prever o que aquilo pode se tornar. Quer tudo mastigadinho, sempre.

Você nunca sofreu desse mal?

Nunca , ainda bem. O segredo está em olhar uma coisinha pequenina e ver todas as possibilidades que aquilo tem. É assim que você deve fazer para procurar um ator, um autor, um roteiro. Pronto é fácil. 'Vamos comprar Cidade de Deus ?' (Dá uma sonora gargalhada) Queria ver comprar Cidade de Deus lá atrás, só no papel...

Mas mesmo assim continua acreditando na produção independente?

Sou um apaixonado por produção, por cinema, por televisão. Eu deveria ficar afastado da TV, até tento, mas não quero. Quero ainda fazer uma segunda fase do Confissões de Adolescente , mas tudo depende de como o projeto será aceito pelo mercado, patrocinadores...

E o cinema, fica de lado?

Não... Nunca. Vou filmar este ano Se Fosse Você 2, Tempos de Paz e um longa sobre Chico Xavier. Mas não tem por que a minha produtora, a Lereby, não fazer coisas para a TV.

Como vê essa audiência cada vez mais fragmentada na TV?

Não tem como não conviver com essa realidade.

Acha a missão dos diretores atuais mais ingrata do que a da sua geração, que participou do início da TV no Brasil?

Não... As batalhas e os obstáculos são diferentes, mas sempre existiram. Tínhamos que tornar interessante programas que as pessoas odiavam. Tínhamos que fazer o que a classe C, D e E gostavam e ainda conquistar a classe A e B. Os desafios eram muitos. Como seria a narrativa da TV? Seria um rádio televisionado ou um teatro televisionado? A gente imitaria o rádio, ou imitaria o cinema? Existia o cinema, o futebol, a falta de profissionais especializados. Até chegarmos a atingir a audiência englobando todos os públicos, como foi em Irmãos Coragem, demorou...

Mas a TV hoje enfrenta concorrência de fortes mídias modernas?

Ah, sim. A internet, a facilidade para obtermos informações de todos os lados... Ontem mesmo comprei um DVD que já vem DVD digital para colocar no iPod, no celular. O iTunes está aí. Eu, por exemplo, só ando assistindo coisas no iTunes.

O que você gosta de ver no iTunes?

Ah, é bem mais fácil ver TV assim. Você vai lá e digita: Maurice Chevalier, aí depois chamo vídeos de Edith Piaf. Vejo esquetes de Jerry Lewis. Mas eu não considero isso uma competição com a TV. É um "novo ver televisão". Quando a gente faz um filme tem de estar atento ao que está sendo feito, porque se não você pode estar batalhando por algo que não dá mais, que já passou. Quando fiz Se Fosse Você enfrentei um King Kong pela frente. Pensei 'vamos apanhar feito doidos', e não foi assim. Me lembro que até brinquei com o Tony Ramos: 'O macaquinho está ganhando do macacão' (risos).

Você acha desleal a concorrência das séries norte-americanas e enlatados com a produção nacional?

Elas sempre existiram. Quando a gente fez Malu Mulher, Plantão de Polícia, Carga Pesada, quem estava no auge era o Kojak, o Hawaii 5.0, eram o 24 Horas da época. Agora só vejo as pessoas falarem de Sexy and the City... Não acho uma competição forte. As pessoas de TV estão entregando o jogo. Brasileiro gosta de ver brasileiro na TV, programas em português. Se for bem feito, dá certo. Não quer dizer que você não queira ver Piratas do Caribe. Mas se for produção nacional bem feita, ganha, ganha e ganha (bate com a mão na mesa).

Você é a favor de cota de produção nacional da TV paga?

Para os estrangeiros sim. É canal fechado, utilizando dinheiro daqui. Eles têm de deixar algum dinheiro aqui. Tomara que haja pessoas competentes para essa abertura de mercado. Gosto dos franceses. Eles não deixam a grana sair de lá por nada. Nem dizem o nome do camarada direito, é em francês e ponto (risos).

Por que você ficou fora da TV por tanto tempo?

Fiquei porque estava em um período de geladeira, o tempo que eu não podia fazer TV. Parece que esse período acaba em junho.

Seu contrato prevê que não pode fazer TV?

Sou contratado para ser diretor da Globo Filmes, então não posso fazer nem dirigir programas em TV alguma.

E essa cláusula acaba em junho?

Não, a cláusula acaba em 2009, quando acaba meu contrato; em junho acaba a pessoa que me pôs na geladeira (risos) .

E quem é?

A pessoa (não revela) sai do poder e a geladeira abre. Mas não volto para a TV Globo...

Em junho então volto para fazer uma matéria sobre seu retorno como diretor na TV aberta?

Aí você volta e me pergunta: 'É realmente obsceno o dinheiro que estão te pagando na TV?' E eu direi: 'Sim, mas não estarei declarando no imposto de renda' (risos).

Fonte: O Estado de S. Paulo, São Paulo, 12 mai. 2008, Caderno 2, p. D4.

A utilização deste artigo é exclusivo para fins educacionais.